

Estudo reforça impacto das farmácias e domina debates

O 15.º Congresso da ANF ficou marcado pela apresentação do estudo “Valor da Rede de Farmácias em Portugal”, da Nova SBE, que quantifica pela primeira vez o peso económico, social e assistencial das farmácias comunitárias em Portugal. Os dados – desde o volume de negócios à elevada proximidade e ao papel como primeiro ponto de contacto em situações clínicas ligeiras – serviram de base a um debate alargado sobre o reforço da integração das farmácias no SNS, a expansão de serviços clínicos e a necessidade de atualização do modelo de remuneração do setor.

Ignorar a importância que a rede de farmácias assume no sistema de Saúde «seria uma falha grave no desenho das políticas públicas», afirmou a ministra da Saúde, Ana Paula Martins, no 15.º Congresso Nacional das Farmácias, realizado no Centro de Congressos de Lisboa nos dias 28, 29 e 30 de maio, a par da Expofarma 2026.

Na sessão de encerramento do congresso, a governante recordou várias medidas recentes que reforçaram a integração das farmácias no sistema de Saúde e admitiu que existe margem para avançar em áreas como a dispensa de medicamentos em proximidade e a alteração do estatuto de alguns medicamentos atualmente reservados à dispensa hospitalar. Mas deixou um aviso claro: «só o poderemos fazer – e o Governo tem vontade de o fazer – se acautelarmos, naturalmente, o orçamento e as finanças públicas. De outra forma, não será possível».

Preparar o sistema de Saúde para o século XXI «exige transformações e mudanças», reconheceu a ministra. Apesar das resistências e dos interesses instalados, garantiu que o Executivo

pretende prosseguir esse caminho. «Contamos, naturalmente, com os farmacêuticos, as suas equipas e com as farmácias portuguesas para, de uma forma positiva, fazerem parte da mudança», e contribuir com soluções para construir o futuro.

Ana Paula Martins destacou ainda a resposta das farmácias durante a situação de calamidade que afetou cerca de 70 municípios portugueses no início do ano. «O Governo não pode deixar de agradecer esta capacidade organizada, que só é possível graças ao dinamismo do setor farmacêutico e à capacidade de mobilização que a Associação Nacional das Farmácias sempre assumiu ao longo dos 50 anos da sua história».

As farmácias comunitárias «são um vértice essencial do Serviço Nacional de Saúde e continuarão a sê-lo», afirmou, sublinhando o seu «enorme valor em saúde, social e económico para o país».

Modelo de remuneração das farmácias deve ser atualizado

Antes da intervenção da ministra, a presidente da ANF, Ema Paulino, tinha

deixado clara a visão do setor: «a proximidade não se anuncia: pratica-se. No aconselhamento, no acompanhamento da jornada de saúde, na orientação para o cuidado adequado».

Depois de, no encerramento do congresso de 2023, ter defendido que «as farmácias não têm de pedir licença nem autorização a ninguém para fazer aquilo que é da sua responsabilidade», Ema Paulino afirmou agora que «também não pedimos desculpa por sermos ambiciosos».

A presidente da ANF sublinhou que Portugal tem uma oportunidade concreta para aproveitar os mais de 174 milhões de contactos anuais realizados nas farmácias para reforçar o acesso, a continuidade e os resultados em saúde. «É a partir desta realidade que devemos olhar para o futuro. Não para criarmos uma resposta paralela ao sistema, mas para integrar melhor uma capacidade que já existe e que as pessoas já procuram».

Entre os exemplos de integração crescente das farmácias no sistema de Saúde destacou a vacinação sazonal, o acesso ao histórico terapêutico dos

utentes, a dispensa para períodos de dois meses e os mecanismos de substituição terapêutica criados para responder a ruturas de stock.

Para o futuro, defendeu o acesso dos farmacêuticos ao Registo de Saúde Eletrónico, a consolidação da dispensa de medicamentos hospitalares em proximidade, a análise da reclassificação de medicamentos atualmente limitados ao circuito hospitalar e a criação de respostas estruturadas para situações clínicas ligeiras.

A sustentabilidade económica do setor foi outro dos temas centrais do seu discurso. Numa reflexão sobre sustentabilidade, talento e financiamento, Ema Paulino defendeu que «importa atualizar o modelo de remuneração associado à dispensa das tecnologias de saúde».

Segundo a dirigente, o modelo atualmente em vigor continua assente em escalões definidos há mais de uma década, numa realidade muito diferente da atual. A atualização deverá considerar não apenas a acessibilidade ao medicamento, mas também o conjunto crescente de funções desempenhadas pelas farmácias: acompanhamento de doentes, prevenção, intervenção protocolada, continuidade terapêutica, referenciação, promoção da literacia em saúde e obtenção de resultados clínicos.

Recordando que a ANF celebrou 50 anos em 2025, Ema Paulino afirmou que «os próximos 50 anos não se constroem com nostalgia», mas com «exigência, coragem e execução».

Uma farmácia cada vez mais clínica

O conceito de «farmácia mais clínica e mais próxima das pessoas» esteve presente ao longo de todo o congresso.

No dia 28, duas sessões dedicadas à análise de casos clínicos de infeção aguda da orofaringe e infeção do trato urinário mobilizaram os participantes através de metodologias interativas baseadas em trabalho de grupo e votação eletrónica.

As sessões contaram com a participação do médico de família Raúl Pereira, de Isabel Guerreiro e Maria Mendes, da Cientis, e das farmacêuticas Rita Carvalho e Ana Sofia Magalhães.

A experiência internacional esteve também em destaque, na sessão plenária do dia 30, através da intervenção de Janet Morrison, presidente da *Community Pharmacy England* (CPE), organização que representa mais de 10 mil farmácias no Reino Unido.

A responsável apresentou a evolução do programa *Pharmacy First*, que permite às farmácias responder a diversas situações clínicas ligeiras e encaminhar

Bastonário defende acelerar a expansão dos serviços farmacêuticos

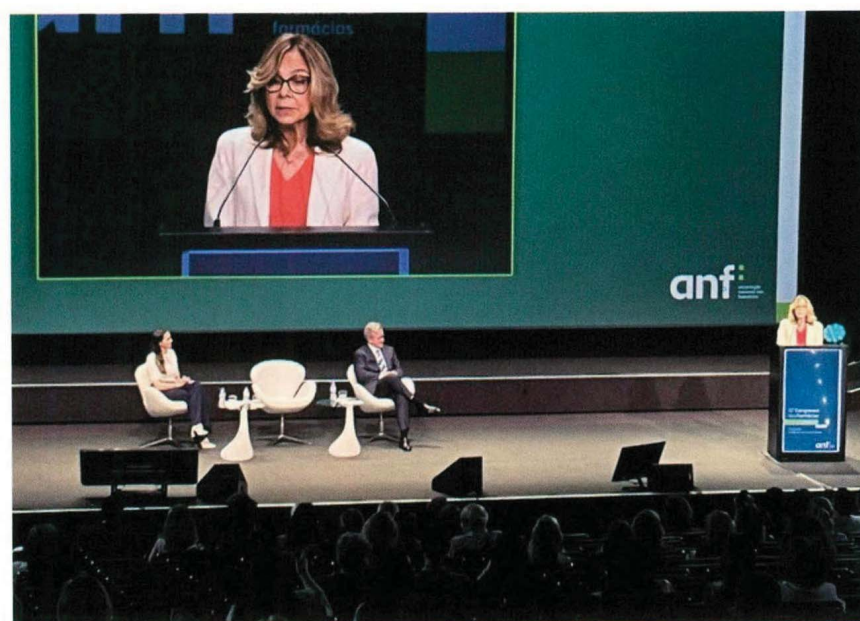


O “Estudo do Valor da Rede de Farmácias em Portugal”, apresentado no Congresso, «fornece evidência relevante que sustenta o reforço das farmácias enquanto parte integrante da solução para os desafios de capacidade de resposta do SNS, contribuindo para um sistema de Saúde mais acessível, próximo e eficiente», defendeu Helder Mota Filipe na sessão de abertura do evento.

Perante os dados do estudo, «é legítimo questionar porque não está o SNS a aproveitar mais uma rede já instalada, próxima e altamente qualificada».

Avaliando o progresso alcançado nos últimos anos em áreas específicas, Helder Mota Filipe salientou que «na dispensa de medicamentos hospitalares em proximidade verificam-se avanços, mas ainda muito abaixo do potencial esperado».

Quanto à intervenção farmacêutica em situações clínicas ligeiras, mediante protocolos pré-estabelecidos e aprovados, «a proposta já está há mais de um ano no gabinete da Senhora Ministra da Saúde e não há razões técnicas para esperar mais tempo».



Paul Sinclair: futuro é hoje mais promissor do que nunca

O presidente da Federação Internacional Farmacêutica (FIP) sublinhou que o futuro do setor depende, em parte, da forma como os decisores políticos compreendem o papel das farmácias.

Na sua opinião, «se os decisores compreenderem aquilo que fazemos, como o fazemos e a forma como tiramos partido da nossa acessibilidade para prestar serviços, poderão tornar-se fortes defensores da profissão ou, no mínimo, fortes crentes no valor daquilo que fazemos».

A sua experiência mostra que o desenvolvimento dos serviços farmacêuticos segue normalmente um percurso gradual, evoluindo da vacinação para áreas como a prescrição, a gestão da doença e o acompanhamento de situações clínicas ligeiras. Por isso, acredita que «o futuro da Farmácia para os jovens farmacêuticos é hoje mais promissor do que nunca» e defende um modelo em que os farmacêuticos assumam um papel cada vez mais clínico na prestação de cuidados de saúde primários.



para consulta médica apenas os casos que o justificam.

Janet Morrison anunciou ainda que, a partir deste ano, todos os novos licenciados em Ciências Farmacêuticas no Reino Unido sairão das universidades habilitados a prescrever num conjunto alargado de situações clínicas ligeiras, reforçando a capacidade de resposta das farmácias e reduzindo a pressão sobre outros níveis de cuidados.

57,2% dos cidadãos com sintomas ligeiros recorrem primeiro à farmácia

O congresso ficou igualmente marcado pela apresentação do estudo “Valor da Rede de Farmácias em Portugal”, no dia 29. Desenvolvido pela Nova SBE e coordenado pelos investigadores Pedro Brinca e João Duarte, quantifica pela primeira vez o impacto económico, social e ambiental das 2 920 farmácias comunitárias existentes no país.

Os resultados mostram que a rede gera 3 985M€ de volume de negócios, sustenta mais de 53 mil postos de trabalho e contribui anualmente com 1 214M€ em receita fiscal, equivalente a 7,8% do orçamento do Serviço Nacional de Saúde. O estudo demonstra ainda que 82% da população vive a menos de cinco quilómetros de uma farmácia e que 41% deslocam-se a pé.

«As farmácias não deixam ninguém para trás. Estão nos 308 concelhos do país e são o ponto mais omnipresente daquilo que é um serviço público», afirmou Pedro Brinca na apresentação do estudo. Em 2025 realizaram 174,3 milhões de atendimentos, o equivalente a mais de 550 mil por dia útil.



A proximidade traduz-se também numa forte relação de confiança. Segundo o estudo, 68,4% dos portugueses recorre sempre à mesma farmácia. O estudo revela igualmente que 57,2% dos cidadãos escolhe a farmácia como primeiro ponto de contacto perante sintomas ligeiros, enquanto apenas 16,5% procura inicialmente o centro de saúde. Cerca de 98% destas situações ficam resolvidas diretamente na farmácia.

Durante o debate que se seguiu à apresentação dos resultados - que reuniu Armindo Monteiro (presidente da CIP), Ana Sampaio (presidente da APDI), Pedro Pita Barros (professor da Nova SBE) e Ricardo Mexia (presidente da Junta de Freguesia do Lumiar) - destacou-se o impacto das farmácias na vacinação, testagem, adesão à terapêutica e dispensa de medicamentos hospitalares em proximidade.

Globalmente, defenderam uma maior integração entre farmácias e SNS, com a partilha de dados clínicos para uma verdadeira complementaridade de cuidados, modelos de remuneração compatíveis com as diferentes realidades territoriais e o reforço da contratualização de serviços em zonas vulneráveis.

Não existe integração plena de cuidados

A integração de cuidados esteve em discussão na sessão “Saúde sem Barreiras” (dia 30), com Álvaro Almeida, diretor executivo do SNS, a reconhecer que a integração plena ainda não existe. Na sua perspetiva, uma verdadeira integração exige sistemas de informação que permitam a colaboração entre todos os profissionais de saúde e um

modelo de gestão clínica centrado no percurso do doente.

O responsável salientou que o SNS já colabora com as farmácias em áreas como a vacinação e a dispensa de medicamentos hospitalares em proximidade e garantiu que existe disponibilidade para aprofundar essa cooperação.

Luís Lourenço, Secretário Profissional da Federação Internacional Farmacêutica (FIP), reforçou a ideia de que «as farmácias, pela capilaridade e competência, querem ser um complemento». Também Xavier Barreto, presidente da Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares, considerou que a integração «ainda não está no terreno» e defendeu uma abordagem comunitária que envolva os hospitais, cuidados de saúde primários, municípios, doentes e farmácias.

Na sessão participaram ainda Cláudia Vicente, médica de família na USF Araceti – ULS Baixo Mondego, e Carla Pereira, da Direção-Geral da Saúde. A interoperabilidade dos sistemas de informação e a partilha de dados clínicos foram apontadas pelos especialistas deste painel como condições essenciais para concretizar essa integração.

Farma IA é exemplo de tecnologia ao serviço da proximidade

O Congresso dedicou ainda uma sessão à inovação tecnológica e à personalização dos cuidados (dia 29). Os oradores defenderam o potencial da inteligência



Maria da Luz Sequeira recebe Medalha de Honra da ANF

Na sessão de encerramento do 15.º Congresso da ANF, Ema Paulino entregou a Medalha de Honra à farmacêutica Maria da Luz Sequeira, em reconhecimento «de quem ajudou a construir aquilo que hoje somos».

Tendo integrado os Órgãos Sociais da ANF, inicialmente como vogal da Direção (1995-1998) e posteriormente como vice-presidente da Direção (1998-2012), Maria da Luz Sequeira «deu um contributo histórico e estratégico absolutamente determinante para a ANF».

Destacou-se «pela afirmação do papel social das farmácias, pela promoção de iniciativas estruturantes para o setor e para a sua intervenção na criação da Plataforma Saúde em Diálogo, referência maior no sistema de Saúde português», pela qual foi agraciada com a Comenda da Ordem do Mérito pelo então Presidente da República Jorge Sampaio.

Mais recentemente, enquanto presidente da comissão organizadora das comemorações dos 50 anos da ANF, «voltou a demonstrar a capacidade singular de mobilização, de valorização da história e de construção de uma visão partilhada para o futuro».

Ema Paulino enalteceu ainda «a dimensão do exemplo» que nenhum currículo ou deliberação formal consegue evidenciar completamente. «Numa área em que tantas vezes o caminho se faz com exigência acrescida, a sua liderança afirmativa, a sua competência e a capacidade de construir consensos, demonstram que é possível liderar com visão, com firmeza e com uma profunda inteligência relacional». Esta trajetória «abriu caminho, deu confiança e continua a inspirar muitas mulheres farmacêuticas». Aplaudida de pé, a farmacêutica agradeceu a homenagem, afirmando que «sempre lutei, ao lado de muitos outros, por uma associação sólida e prestigiada na defesa dos seus associados» e, simultaneamente, por uma associação «com um contributo relevante no progresso da Saúde e da sociedade portuguesa».

Na sua perspetiva, «uma associação unida é uma associação forte; uma associação unida e forte traduz-se numa Farmácia para o futuro».





artificial, dos dados e da saúde digital para melhorar a eficiência dos serviços e aproximar os cuidados dos cidadãos. Rui Diniz (presidente da comissão executiva da CUF), Fabíola Moutinho (*senior director of clinical research* da Sword Health), António Teixeira Rodrigues (diretor da Cientis) e Isabel Baptista (vogal executiva dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde), destacaram que a inovação só produz impacto quando a interoperabilidade e a integração dos dados chega efetivamente ao quotidiano das pessoas através de serviços acessíveis e integrados.

Na sua intervenção, António Teixeira Rodrigues destacou o percurso inovador da rede de farmácias, apontando a robotização e o sistema FarmaA como exemplos dessa evolução.

Em simultâneo ao Congresso decorreu a Expofarma 2026, com um espaço de exposição cheio de dinamismo e atividades. +

Visite ou revise algumas dessas ações aqui:

ART-FC: ANF renova memorando de entendimento com jovens farmacêuticos

A gestão de pessoas, a liderança e a atração de talento foram tema de debate numa sessão paralela (dia 30). Numa reflexão que juntou Pedro Brito (*associate dean for executive education and business transformation* da Nova SBE) e José Luís Carvalho (Diretor de Recursos Humanos da CUF), Miguel Samora, da direção da ANF, debruçou-se sobre a estratégia da associação para a “Atração, Retenção e Desenvolvimento de Talento nas Farmácias Comunitárias” (ART-FC).

Os três pilares desta intervenção são «criar a motivação para trabalhar e prosseguir uma carreira na Farmácia Comunitária», «implementar modelos de carreira e práticas laborais competitivas», bem como a «aposta na formação, evolução e inovação técnico-científica como método de valorização».

Entre as iniciativas desenvolvidas pela ANF, Miguel Samora destacou o reforço da ligação às universidades, a campanha “Ser farmacêutico é ficar na história das pessoas”, o lançamento do Manual de Gestão e Avaliação de Desempenho, o novo modelo de carreira para farmacêuticos e o desenvolvimento de novos serviços e consultas farmacêuticas.

A sessão concluiu com a formalização da renovação do Memorando de Entendimento entre a ANF e as organizações representativas dos jovens farmacêuticos e estudantes do mestrado integrado em Ciências Farmacêuticas.

Tiago Bartolomeu: setor cresce mas enfrenta fragilidades estruturais

O setor farmacêutico está a viver um paradoxo: cresce em valor, mas vê fragilizadas algumas das suas bases estruturais. O alerta foi deixado por Tiago Bartolomeu, CEO da Farminveste, durante a sessão “Tendências, desafios e oportunidades do setor” (dia 29).

O executivo sublinhou que o setor resulta de uma «confluência de três fatores»: o crescimento global do mercado farmacêutico, a progressiva valorização baseada em valor em detrimento do volume e sistemas de remuneração regulados e limitados. «Estamos num sistema onde o valor cresce, mas que foi construído para remunerar volume», afirmou, alertando para a pressão sobre as margens das farmácias.

Perante este cenário, questionou se o setor «chegou ao limite do sistema atual», e defendeu a necessidade de adaptação. Apresentou a evolução do papel da Farmácia em três modelos: da Farmácia 1.0, centrada na dispensa e aconselhamento; à Farmácia 2.0, com maior enfoque em doentes crónicos e corresponsabilidade; até à Farmácia 3.0, orientada para resultados em Saúde e gestão de terapêuticas complexas.

Como caminhos para o futuro, apontou quatro pilares estratégicos: dispensa de medicamentos com aconselhamento farmacêutico, efeito de rede, gestão do doente crónico e desenvolvimento de um modelo “one stop shop” em Saúde.



24. 15.º Congresso das Farmácias/ Expofarma 2026

Estudo reforça impacto das farmácias
e domina debates

